



## EDITORIAL

# Os desafios da docência em tempos de pandemia de covid-19: um “soco” na formação de professores

“Mas, na *modernidade líquida* tudo mudou. Cada um de nós, no palco da contemporaneidade, está ciente da impotência dos instrumentos que possui. Somos atores do grande teatro do mundo, mas quando os refletores estão em nós a agnosia ideativa nos atinge **como um soco**” (LEONCINI, Thomas, 2018, p. 95, grifo no original em itálico; grifo nosso em negrito).

Iniciamos este editorial com as palavras de Thomas Leoncini, que partilhou com Zygmunt Bauman a autoria da obra *Nascidos em Tempos Líquidos: Transformações no Terceiro Milênio*, em que os dois analisam o momento anterior à pandemia, já anunciando a dificuldade para desenvolver uma avaliação e análise dos processos que nos atingem como sociedade. Segundo os autores, estamos incapacitados de reconhecer o sofrimento do outro e de com ele nos sensibilizar, produzindo manifestações que apontam uma “insensibilidade social” ou até mesmo uma “banalização do mal” (BAUMAN, 2007). É nesse contexto, em pleno movimento de uma racionalidade neoliberal que a tudo e a todos conduz, que nos vemos atingidos por um vírus.

Sob um modelo gerencialista empresarial, a comunidade mundial vai se integrando a um padrão. No âmbito da educação, o “GERM<sup>1</sup> infeccioso” contamina de modo global as reformas, propondo “uma agenda educacional comum”, que se espalha “realimentada por mecanismos transacionais que se articulam por meio de tentáculos operacionais para contextos locais” (MARINHO; LEITE; FERNANDES, 2019, p. 925). Esse programa, além de integrar, modela, padroniza e constitui as pessoas sob um novo jeito de ser e de comportar-se no mundo. As avaliações de larga escala são uma demonstração do quanto está cada vez mais difícil, para escolas, municípios e comunidades menores, manterem seus valores, suas formas de ser e suas criações culturais, sendo apenas alimentados pelo que é considerado novo e pelas diferenças que vêm de fora, do que é estrangeiro. A padronização, nesse sentido, cria condições de possibilidade para que o estranho, o estrangeiro, tudo e todos que quebram o padrão instituído e normalizado, sejam vistos como excêntricos, menores e sem espaço para estar no grupo.

Com isso, os sentimentos e ações também se alteram, e a convivência com o outro torna-se insuportável. O ódio, o individualismo, o egoísmo e a competição são os sentimentos que passam a dominar as sociedades. A diferença não é entendida como qualificação dos espaços e lugares. O que temos visto neste momento, antes e durante a pandemia de Covid-19, é exatamente o contrário – a diferença separa, impede, é motivo de autoritarismo, exclusões, violência e morte.

<sup>1</sup> Global Educational Reform Movement (Movimento Global da Reforma da Educação). (Marinho, Leite, Fernandes, 2019).

Vivemos em uma sociedade de excessos, como nos avisa Lipovetsky (2018). Ao chamar esse tempo de hipermodernidade, o autor mostra os excessos do consumismo, a degradação do ambiente e das relações humanas, a velocidade do tempo, etc. Tudo é excessivo, e, ao mesmo tempo, há uma sociedade da decepção e do medo. Em uma sociedade de paradoxos, em que o tempo é comprimido e acelerado, os desejos são produzidos em excesso, e a frustração é proporcionalmente excessiva.

Tendo em vista este momento, em que nossos instrumentos de avaliação são deficitários, é perigoso desenvolver qualquer análise avaliativa a respeito da docência e da formação de professores, pois muitos são os desafios que encontramos no Brasil e no mundo frente ao que estamos vivendo. O que podemos apontar são algumas preocupações que nos perturbam, que nos desafiam como professoras que atuam no ensino superior com a formação de professores.

Uma de nossas preocupações refere-se à docência, que já passou por inúmeras “modas”, e à formação de professores: escola autoritária, escola nova, tecnicismo, educação popular, escolas críticas, qualidade total, currículo e ensino por competências, entre outras tendências e aproximações com o que é tido no momento como moderno e representativo da novidade educacional. Atualmente, registra-se a implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC nas escolas, ao mesmo tempo em que se instituem novas políticas para a formação de professores, alinhadas com as reformas globais da educação. Tais reformas padronizam as avaliações de larga escala, o currículo escolar, a formação de professores e o exercício da docência, inserindo o modelo do “gerencialismo pretendido pelo GERM e pelas políticas neoliberais” (HYPOLITO, 2019, p. 194). Como diz o autor,

Este modelo, que implica parcerias público-privadas, com a terceirização da produção de materiais didáticos e venda de sistemas apostilados, com inclusão de sistemas de gestão educacional, na forma de aplicativos ou plataformas digitais, que monitoram todo o sistema administrativo e pedagógico, retira das escolas e do professorado o controle sobre o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado (HYPOLITO, 2019, p. 194).

Tais reformas têm impactado nos modos de pensar sobre a docência e a formação de professores, produzindo o controle do que se faz na escola e de como se “formam” os professores para atuarem e se alinharem aos modelos de currículo e de aprendizagem propostos na BNCC. Na Resolução n. 2, de 2019, determina-se que a formação docente tem como referência a BNCC; dito de outro modo, as diretrizes para a formação de professores têm como referência a implantação da base na Educação Básica. Essas reformas estão em consonância com as políticas de padronização e controle, que contagiam a educação. Como podemos resistir a tais reformas?

Outra preocupação está em como pensar na docência em tempos de pandemia, em que os docentes e alunos estabelecem outros vínculos de aproximação e as diferenças e desigualdades são cada vez mais latentes, mostrando as diferenças de acesso ao conhecimento e a outros bens necessários para a sobrevivência. Como conceber a docência em outras perspectivas, além dos modelos de padronização e controle? Ou: como pensar na docência para aqueles que têm menos acesso à internet e aos meios digitais?

Depois deste recorrido, queremos apontar algumas estratégias que podem ajudar a pensar a formação de professores e a docência neste novo momento, pois o “soco” na formação chegou tão rapidamente, que ainda estamos “tontos”. Talvez possamos dizer que, das consequências que o mundo líquido produziu, uma delas chegou e nos derrubou com “um soco”: a Covid-19, que foi e está sendo mortal para muitas pessoas.

Este editorial é o começo do levantar de nossos olhos para pensarmos em como sustentar a formação de professores e a docência em “tempos *com* e *pós* pandemia”. Isso porque não sabemos quanto tempo estaremos com a pandemia, nem quando viveremos uma pós-pandemia. Apresentamos a seguir algumas possibilidades de ação, apontadas pelos nossos grupos de pesquisas<sup>2</sup>, para dar resposta a este momento.

Uma maneira de manter a qualidade da produção acadêmica no Ensino Superior e na pós-graduação é manter o tripé *ensino, pesquisa, extensão*. Com isso, vamos poder manter a pesquisa atrelada à sociedade, produzindo efeitos de formação nas comunidades. A qualidade advinda desse processo vai atingir a pesquisa e o ensino, mas o que mais queremos frisar é que, neste momento, a relação com as redes de ensino deve acontecer. Então, a mudança cultural será mobilizada mais fortemente, e a cidade onde está situada a escola será coadjuvante na formação cultural das escolas e universidades. A pesquisa seguirá apontando políticas públicas, mas também transformando a formação de professores, a docência dos professores envolvidos e a própria cidade ou comunidade em questão.

Outra forma de ação comprometida com a formação de professores implica a escolha de metodologias de pesquisa participativas e formativas para a realização de pesquisas com professores – que sejam pesquisas com professores mais do que sobre professores, pesquisas que realizam a formação de professores enquanto produzem o material de pesquisa. Para isso, temos desenvolvido, em nossos grupos, a pesquisa (de)formação (FABRIS, 2018).

Podemos anunciar, ainda, que temos defendido uma revisão dos tempos e espaços escolares, uma revisão da aceleração da vida escolar e uma revisão dos projetos das escolas, dos municípios e dos estados, para criar outro calendário, muito mais tranquilo, muito mais desacelerado. Esse calendário anunciará uma nova forma de caminhar, que pode ser inspirada em tantos movimentos *slow*<sup>3</sup>, já em desenvolvimento na sociedade (SILVA, 2020). De qualquer modo, mesmo que possa parecer precipitado, vamos tentar anunciar um pensamento inicial para pensar o que seria uma *docência intervalada, uma escola intervalada e uma formação de professores intervalada*. Não dizemos *lenta*, porque não precisamos de lentidão, mas de uma escola competente, qualificada, inteligente, que se adéque aos novos tempos e espaços, por isso, *intervalada*. Uma escola que terá mais tempo para viver o que é importante para a comunidade e sociedade, mas que não vai fazer de conta que ensina, nem os alunos farão de conta que aprendem. Uma *formação de professores intervalada* terá momentos de aula, de oficina, de pausa, de conversa, de trabalho, de ócio criativo, de prazer e esforço intelectual, mas terá momentos de estudos, junto com a oficina, com o trabalho, com a aula, podendo viver a artesanaria na formação, conceito já usado por nós e apresentado no texto de Fabris (2015). Essa formação de professores para o nosso tempo pode ser desenvolvida pela artesanaria, que não é apenas fazer mais lento, mas fazer com qualidade, envolver-se como que se faz, engajar-se com o trabalho e com a formação.

Ponderamos que são novos caminhos a trilhar. Precisamos dar as mãos para a comunidade, para as experiências culturais que podem e devem fazer parte, cada vez mais, do currículo escolar pós-pandemia e, portanto, da escola, do ginásio, da ágora. Não importa o nome que dermos para esse

---

<sup>2</sup> Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Pedagogias, Docências e Diferenças (GIPEDI) e Grupo de Estudos em Educação Matemática com ênfase nos anos iniciais (GEEMAI).

<sup>3</sup> Movimentos que pregam a desaceleração da sociedade, conhecidos como *slow movements*. Alguns deles: *slow life, slow food, slow medicine, slow kids, slow parenting e slow school*.

espaço *online* e/ou *off-line* que podemos integrar para viver os desafios da formação de professores, da docência e da escola com e após Covid-19, em nossos grupos de pesquisa, o vemos como uma formação, uma docência e uma escola *intervaladas*.

Já é hora de levantarmo-nos do “soco” e de voltarmos a pensar criticamente sobre a formação de professores com e após a Covid-19. Aceitam nosso desafio?

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z; LEONCINE, T. Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio. Rio de Janeiro. Zahar. 2018.

FABRIS, Elí T. Henn. Formação, constituição e atuação docente nas escolas públicas brasileiras: uma análise sobre a situação do professor iniciante. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018. [Projeto de Pesquisa].

FABRIS, Elí Terezinha Henn. A avaliação como estratégia de qualificação da formação docente: entre a qualidade da produtividade e a qualidade da artesanaria. XXII Colóquio da AFIRSE. Lisboa, 2015.

HYPOLITO, Álvaro. BNCC, Agenda Global e Formação Docente. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 187-201, jan./maio, 2019.

LEONCINI, T. A última lição. In: BAUMAN, Z; LEONCINE, T. Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio. Rio de Janeiro. Zahar. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade da decepção. Barueri: Manole, 2007.

MARINHO, Paulo; LEITE, Carlinda; FERNANDES, Preciosa. “GERM INFECIOSO” NAS CULTURAS ESCOLARES – possibilidades e limites da política de autonomia e flexibilização curricular em Portugal. **Currículos sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, p. 923-943, set./dez., 2019.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Por uma Educação assumidamente lenta. Outras Palavras. 2020. Link: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/por-uma-educacao-assumidamente-lenta/>

### **Elí Terezinha Henn Fabris**

Docente do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e-mail: [efabris@unisinos.br](mailto:efabris@unisinos.br)

### **Marta Cristina Cezar Pozzobon**

Docente do curso de Licenciatura em Matemática e do Programa de Pós-Graduação de Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPel e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, e-mail: [marta.pozzobon@hotmail.com](mailto:marta.pozzobon@hotmail.com)